

Filosofia Existencialista e Literatura Engajada: Entre Sartre e Simone de Beauvoir

Alexsandro Melo MEDEIROS¹
Luana de Vasconcelos PANTOJA²

Resumo

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir são dois autores consagrados conhecidos por suas reflexões sobre a existência humana. Tanto suas obras filosóficas como seus romances exploram os dilemas existencialistas da liberdade, da ação e da responsabilidade individual, do engajamento político ou as teses existencialistas segundo as quais cada pessoa é responsável por aquilo que faz. A convivência de Simone com Sartre e a convicção que alimentava das ideias existencialistas levaram-na a adotar esta filosofia. Tal como Sartre, Simone é uma "filósofa-escritora" que introduz e discute conceitos filosóficos em suas narrativas literárias. Suas ideias abriram, por assim dizer, a formulação de um "projeto" de "mulher-sujeito" que almeja "ser libertada das limitações sociais do seu sexo biológico" tornando-se uma referência para os movimentos feministas desde a década de 60 até os dias atuais. E Sartre é um intelectual engajado. Engajamento que é tanto filosófico, quanto político e literário. Para Sartre o escritor deve dar à literatura uma função social, tanto quanto o intelectual engajado, que deve superar a antinomia entre a palavra e ação, representando a "subjetividade" de uma sociedade em revolução permanente. Quando um escritor descreve uma cena, ele pode mostrar o símbolo das injustiças sociais, da miséria, provocar nossas emoções, nossa indignação, cólera etc. Escrever é desvendar o mundo, mas o mundo real só se revela na ação e, por isso, impõe a noção de engajamento. Por essa razão um escritor "deve engajar-se inteiramente nas suas obras" e é esta ideia, de um engajamento literário que tem como base a filosofia existencialista de Sartre e Simone que iremos abordar neste artigo.

Palavras-Chave: Existência, Liberdade, Engajamento.

Abstract

Jean-Paul Sartre and Simone de Beauvoir are two renowned authors known for their reflections on human existence. Both their philosophical works like his novels explore the existential dilemmas of freedom of action and individual responsibility of political engagement or existentialist thesis according to which each person is responsible for what he does. The living Simone with Sartre and the conviction that fed the existentialist ideas led her to adopt this philosophy. As Sartre, Simone is a "philosopher-writer" that introduces and discusses philosophical concepts in his literary narratives. Her ideas opened the formulation of a "project" of "woman-subject" which aims to "be liberated from social constraints of their biological sex" making it a reference to feminist movements since the 60's to the nowadays. And Sartre is a engaged intellectual. Engagement that is philosophical, political and literary. For Sartre the writer should give literature a social function, as well as the engaged intellectual, who must overcome the contradiction between word and action, representing the "subjectivity" of a society in permanent revolution. When a writer describes a scene, he can show the symbol of social injustice, misery, cause our emotions, our indignation, our anger etc. Writing is to unveil the world, but the real world is only revealed in

¹ Mestre em Filosofia pela UFPE. Doutorando do programa Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Professor Assistente da UFAM. E-mail: alexsandromedeiros@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, campus de Parintins. E-mail: luana.pantoja.am@hotmail.com.

action and, therefore, imposes the notion of engagement. For this reason a writer "must engage fully in his works" and it is this idea of a literary engagement that is based on the existential philosophy of Sartre and Simone that we will address in this article.

Key Words: Existence, Freedom, Engagement.

Introdução

Uma obra literária pode ser estudada sob vários aspectos, seja como obra de arte, seja como objeto histórico ou sociológico. Do ponto de vista da arte uma obra literária é estudada não como reflexo da realidade, embora sem ignorar as conexões com esta. Analisa-se a intimidade da obra, sua organização interna. Já do ponto de vista sociológico procura-se mostrar o valor e o significado de uma obra a partir do ponto em que ela exprime certo aspecto da realidade e que tal aspecto é analisado como sendo o essencial da obra. No primeiro caso temos a crítica literária e no segundo uma sociologia da literatura. Enquanto a análise crítica pretende alcançar os elementos estéticos responsáveis pelo aspecto e pelo significado da obra, uma sociologia da literatura não propõe a questão do valor estético da obra mas interessa-se pela origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, política e econômica etc.

Sem esgotar as perspectivas que um estudo sociológico literário aborda podemos entender este como sendo um estudo que procura “relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais” (CÂNDIDO, 2014, p. 18) ou ainda como um estudo “que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado” (id., ibidem, p. 20). E embora esses dois aspectos possam-se ser estudados de forma independente, o mais exato é que os dois pontos de vista se integram e não podem ser dissociados sendo necessário fundir “texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (id., ibidem, p. 13).

É nesse sentido que iremos procurar contextualizar neste artigo a ideia de uma literatura engajada. Um tipo de gênero literário que tem sido alvo de debate e discussão no meio acadêmico que procura trazer a tona reflexões sobre temas sociais. E, no caso da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, com temas diretamente relacionados à própria existência humana.

Esta relação entre literatura e engajamento foi inclusive tema do livro de Benoît Denis: *Littérature et engagement – de Pascal à Sartre*. E aqui tomamos o conceito de engajamento literário tal como entende Denis: “literatura engajada seria a escrita de um

autor que ‘faz política nos seus livros’” (2002, p. 09); e do próprio filósofo do existencialismo francês Jean-Paul Sartre: “Falar é agir [...] a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir [...] O escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras” (2004, p. 20 e 29).

Ao comprometer-se com os dilemas históricos de sua época a filosofia e a literatura existencialista, aqui representadas nas figuras de Sartre e Simone, enseja um sentido histórico à sua obra literária e adquire uma função social. A função social do engajamento literário é cumprida por um apelo à liberdade que o escritor faz à liberdade do leitor. E quanto mais o escritor se dirija consciente e diretamente ao leitor acerca do espaço e do tempo historicamente compartilhados, mais essa função é cumprida (LEOPOLDO e SILVA, 2006). Os romances existencialistas em questão não visam apenas o estético, mas visam homens e mulheres à sua volta: pretendem ir na direção da realidade concreta (a história em seu movimento, em suas tramas). Sartre e Simone não são apenas testemunhas da história, mas sujeitos históricos no sentido estrito da palavra, ou seja, não apenas vivenciaram sua historicidade, mas tentaram nela intervir através de uma práxis filosófica, política e literária.

Esta relação entre a filosofia existencialista de Sartre e Simone e de como tais ideias se encontram ao longo de suas obras literárias perpassa boa parte de seus escritos. Contudo, devido as limitações deste artigo, vamos nos concentrar apenas em algumas obras, como é o caso da obra *A Idade da Razão* de Sartre que compõe, junto com *Sursis* e *Com a Morte na Alma*, a trilogia sartreana *Os Caminhos da Liberdade*, escrita na década de 1940. Além de algumas obras de Simone de Beauvoir como: *A Mulher Desiludida* e *Os Mandarins*. Serviu também de base referencial teórica para este artigo a obra de Sartre onde ele defende categoricamente a possibilidade de se pensar uma arte e literatura engajadas: *Que é a literatura?* Esta obra inclusive foi escrita exatamente para responder algumas críticas que o filósofo recebeu por parte daqueles que viram na ideia de uma literatura engajada uma fuga dos “verdadeiros” objetivos de uma arte literária e que defendem uma “arte pela arte”.

Vamos começar então abordando alguns aspectos da Filosofia Existencialista, sobretudo demonstrar como o conceito de *liberdade* é central nesta filosofia, para depois demonstrar como essa análise pode ser feita a partir das obras literárias de Sartre e Simone.

Filosofia Existencialista

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir são dois autores consagrados que viveram no século XX conhecidos por suas obras filosóficas, literárias e suas reflexões sobre a existência humana: liberdade, responsabilidade, engajamento político (BEAUFRET, 1976; GIORDANI, 1997; HUISMAN, 2001) e, no caso de Simone de Beauvoir, o feminismo (BUTLER, 1987; CORREA, 1999).

A convivência de Beauvoir com Jean-Paul Sartre, a admiração que nutria por ele e, seguramente mais importante, a convicção que alimentava da justeza do existencialismo, levaram-na a adotar esta filosofia. Efetivamente, podem-se encontrar em *O Segundo Sexo* as principais categorias expostas por Sartre em *O Ser e o Nada* (SAFFIOTI, 1999, p. 158 – grifos da autora).

A existência humana foi alvo de profundas reflexões literárias e filosóficas, desde o século XIX até o século XX, tendo Sartre e Simone como dois de seus principais expoentes. Para o existencialismo a *existência* é o ponto de partida da reflexão filosófica. A filosofia deve refletir sobre o homem no mundo, sobre o ser-no-mundo e, por isso, tem uma função eminentemente prática. O existencialismo destaca o valor da pessoa, da existência, da liberdade; acentua mais a vivência do que o “ser”. O cerne do pensamento existencialista é de que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1987), no sentido de que o ser humano é aquilo que quiser ser. O homem é livre sendo ele o único responsável pelo que faz de si mesmo.

Em suas análises filosóficas Sartre afirma que o homem foi lançado em um mundo que não escolheu: não escolheu seu nome, sua classe social, sua forma física etc. Mas, desde que foi lançado no mundo, está condenado a escolher: escolher sua vida, sua liberdade. Ao homem só resta a liberdade. E é ela que determina a escolha. Sartre identifica o homem com a sua liberdade: a vida do homem não está de modo algum determinada como em uma planta, cujo futuro já está “inscrito” na semente; o homem é o

artífice do seu futuro. E não há como se desculpar: somos responsáveis por nossas glórias e por nossas tragédias; se falirmos ou vencermos, falimos ou vencemos porque escolhemos a derrota ou a vitória. Ninguém nasce covarde ou herói, diz Sartre. O covarde se fez covarde, assim como o herói se torna herói. O homem escolhe livremente o seu futuro. Ele pode escolher ter ou não ter filhos, se alistar ou desertar em caso de guerra, mas não pode deixar de escolher. Não escolher já é escolher, mesmo sendo uma atitude de fuga provocada por algum medo (SARTRE, 1987 e 1997).

Assim como Sartre, Simone de Beauvoir também é considerada uma escritora e filósofa existencialista. Para Beauvoir, é no mundo dado que estão repousadas as possibilidades existenciais que se realizam em cada indivíduo, no momento em que ambos, tanto o indivíduo quanto o mundo dado são revelados em suas particularidades. Para Beauvoir a liberdade humana é pensada em um mundo já dado e constitui-se a partir de uma dialética entre duas escolhas: assumir-se como um sujeito livre ou “demitir-se” dessa condição. Demitir-se dessa condição é acomodar-se e aceitar o determinismo existencial. Assumir a liberdade é admitir os condicionamentos da existência humana mas também aceitar que somos seres inconclusos e inacabados e aquilo que fizermos da nossa existência será determinada pelas escolhas que fazemos ao longo da vida.

Uma das afirmações mais conhecidas do existencialismo em questão é a de que o ser humano está *condenado* à liberdade. Isso significa que cada pessoa pode a cada momento escolher o que fará de sua vida, sem que haja um destino previamente concebido. A liberdade é que torna possível escolher dentre todas as alternativas possíveis, aquela que vai nos levar a um caminho mais curto em direção ao nosso projeto de vida.

Para Sartre o homem está condenado a ser livre. Para Simone a existência humana é marcada pela ambiguidade da escolha: escolher “ser” quando assume-se como livre ou escolher “não-ser” quando se demite da sua liberdade; a possibilidade de demitir-se ou assumir sua condição de sujeito livre (BEAUVOIR, 1947).

Além disso, a ideia de que “a existência precede a essência” e de que os seres humanos, homens e mulheres, só se definem a partir de sua existência é aceita por Simone de Beauvoir e foi o que levou a autora da obra *O Segundo Sexo* a afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1967, p. 09). Para Saffioti, nesta afirmação reside a primeira manifestação do conceito de gênero: “é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade” (1999, p. 160).

O Segundo Sexo abriu, por assim dizer, o debate político que lançou as matrizes teóricas, intelectuais e políticas para um projeto de libertação feminina e tem contribuído para transformar a visão de milhares de homens e mulheres sobre a vida em sociedade e suas condutas. O livro de Beauvoir se tornou uma das obras pioneiras dos estudos sobre as mulheres e, posteriormente, das relações de gênero (BORGES, 2007; GARCIA, 1999; MACHADO, 1998; SAFFIOTI, 1999; SCAVONE, 2008).

Filosofia Existencialista e Literatura Engajada

Sempre que se desloca o interesse de uma obra tomando como elementos essências de sua matéria seus aspectos sociais, as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração ou sua função social, estamos em meio a uma análise sociológica e política da literatura. Tais aspectos são essências para o historiador, o político, o sociólogo, “mas podem ser secundários e mesmo inúteis para o crítico” (CÂNDIDO, 2014, p. 18), ou seja, para a análise crítica literária. O que não significa dizer que tais aspectos sejam excludentes, pois tanto os aspectos internos quanto os aspectos externos de uma obra são decisivos para a análise literária. Além disso, “pretender definir sem uns e outros [aspectos internos e externos] a integridade estética da obra é querer, como só o barão de Münchhausen conseguiu, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos” (id., ibidem, p. 22).

Quando um escritor toma como elementos essenciais de sua obra seus aspectos sociais e escolhe “engajar-se” através de seus escritos a partir dos quais expressa, entre outras coisas, o embate entre a arte e o realismo político estamos, sem dúvida, no campo da literatura engajada. O engajamento implica em uma reflexão do escritor sobre

as relações que trava a literatura com a política e com a sociedade em geral. Esses escritores percebem que a sensibilidade estética pode se tornar um instrumento que convida o leitor a se entregar em um mundo de reflexões e pensamentos sobre os principais problemas da sociedade: o mundo das guerras, da luta das minorias, das desigualdades sociais etc. Há, por assim dizer, um compromisso do escritor com a sociedade.

Ao situar Sartre [e Simone] como inscrito na tradição da *literatura engajada francesa* é de capital importância problematizar as conexões entre a atividade literária em si e o papel que uma sociedade, num determinado tempo e espaço, atribui ao literato e à literatura. Nessa interconexão, é possível entrever como a literatura vai se misturando com as demais dimensões de sua realidade histórica (TEODOSEO, 2011, p. 12 – grifo nosso).

A literatura representou para Sartre uma atividade única e singular. Sartre em suas memórias escreve: “eu achara a minha religião: nada me pareceu mais importante do que um livro. Na biblioteca eu via um templo” (SARTRE, 2005, p. 43). Embora a ideia de um escritor engajado comece a se fazer presente no pensamento de Sartre somente a partir dos 30 anos, quando Sartre vai transformando sua ideia de literatura “antes marcada mais por preocupações estéticas, agora, voltando-se para temas éticos e históricos” (TEODOSEO, 2011, p. 57), ao analisarmos a produção literária de Sartre podemos perceber claramente como sua intenção enquanto escritor era a de engajar sua escrita. A obra literária de Sartre fala sobre o seu tempo, acontecimentos históricos de sua época e alguns até vividos por ele, como foi o caso da Segunda Guerra Mundial, pois como sabemos, Sartre serviu como soldado meteorológico na Guerra, no 11º grupo de tropas armadas, regimento da 70ª divisão de artilharia, sob a matrícula 1991 (COHEN-SOLAL, 2008)³. E hoje sabemos como neste período houve um intenso debate em torno

³ A geração de intelectuais franceses que tiveram como pano de fundo o contexto histórico a Segunda Grande Guerra, a Guerra Fria e a descolonização de países africanos sentiram a necessidade de discutir o papel dos intelectuais no processo de mudanças sociais, dentre eles Sartre e Albert Camus. Tanto para Sartre quanto para Camus, uma das formas válidas de ação é a escrita. Na apresentação da revista *Les Temps Modernes* da qual Sartre foi seu editor-chefe, ele afirma que cada palavra tem consequências e cada silêncio também. A ideia de Sartre é a de que o escritor e o intelectual devem engajar-se e intervir na sociedade em que vive. A literatura, através da escrita, compreende um meio fundamental de comprometimento e mudança social. Havia algumas divergências entre Sartre e Camus no que diz respeito a ideia de engajamento, dentre elas a ideia de que apesar de Camus também compreender a necessidade do engajamento e uma maior participação política do intelectual, ele não o pensava como uma obrigação. O fato é que Camus adquiriu a admiração de Sartre exatamente por unir escrita e ação, sendo ao mesmo tempo um “poeta da liberdade e ativista político” (ARONSON, 2007, p. 97). O sucesso que esses intelectuais e o existencialismo

do papel do intelectual engajado envolvendo nomes como Albert Camus, Sartre, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, Francis Jeanson e Raymond Aron. Sartre introduz em sua obra tanto conceitos de sua filosofia existencialista quanto acontecimentos históricos de sua época não de forma marginal, mas intencional.

Sartre possuía a intenção, enquanto escritor, de referir-se aos problemas de seu tempo “na ordem do verossímil”, engajando sua escrita, levando em conta também que, apesar da linguagem possuir características (uma estrutura) próprias, ela sempre se relaciona com o mundo, e que, se há algo de ficcional na escrita literária de Sartre, isso não significa dizer que ela esteja completamente desligada de seu contexto histórico, ou seja, podemos encontrar traços de sua época nos textos sartreanos, pelo estatuto da verossimilhança (TEODOSEO, 2011, p. 18).

A intenção é chamar a atenção do leitor para os dilemas da existência humana. Suas obras literárias são “fragmentos de uma realidade específica [...] Concebemos sua literatura como uma interpretação de sua época, e um testemunho histórico” (TEODOSEO, 2011, p. 14). Thana Mara de Souza (2008) também ilustra a relação entre o ficcional e a parte filosófica em Sartre: a filosofia necessita da prosa para retratar seus conceitos e a prosa necessita da filosofia para a conceitualizar na representação, retratação da vida do homem ficcional que imita a vida real. A implicação entre as duas se dá, pois a literatura mostra a densidade concreta do vivido descrevendo suas ambiguidades, já a filosofia se acerca deste vivido por meio de noções e conceitos e, desta forma, a tarefa da literatura na filosofia sartreana é mostrar como a condição metafísica do homem se dá na própria existência e como seus romances, peças de teatro, contos, estão em relação direta com a sua filosofia fenomenológica existencialista, constituída de conceitos e noções.

Sartre introduziu em seus escritos temas e debates próprios de seu momento histórico imediato, como a Guerra Civil Espanhola⁴ (1936-1939), os dilemas vividos nos anos da Segunda Guerra Mundial, as tensões entre o intelectual e o partido comunista

tiveram, incluindo aí Simone de Beauvoir foi devido, segundo Benoît Denis, à “capacidade do existencialismo de extrair as consequências da experiência do passado e de dar sentido ao momento histórico presente” (2002, p. 267).

⁴ Sobre o contexto da Guerra Civil Espanhola e suas consequências para a existência humana, veja-se a coletânea de contos do autor: O Muro (SARTRE, 2005).

francês, debate e dilemas éticos e ideológicos, de crítica aos valores burgueses, entre outros. Em suas obras vemos prisioneiros de guerra capturados pelos fascistas espanhóis que aguardam o fuzilamento; soldados convocados para lutar nos campos de batalha europeus; militantes comunistas; desertores. É visível na produção literária de Sartre questões relacionadas ao seu contexto histórico, cultural e intelectual, com elementos de interlocução entre Filosofia, Literatura e História, misturando constantemente o mundo real e o mundo ficcional, personagens literários e acontecimentos reais. Reforçando a ideia de que um

[...] escritor não pode evadir-se da sua hora, de seu meio, de seu tempo, pois quando tenta fazê-lo, o faz ainda a partir de uma liberdade situada que escolhe mascarar. A fatalidade da liberdade supõe então o grande arco que une escolha e responsabilidade, mesmo quando os resultados objetivos das ações não correspondam às intenções subjetivas [...] Mas como fatalidade e liberdade se identificam, como o destino é sempre a construção prática de uma vida e de uma história, a responsabilidade é *assumida* como corolário de uma liberdade da qual não se pode fugir (LEOPOLDO e SILVA, 2006, p. 75).

Vemos assim como para Sartre, o escritor engajado é um indivíduo comprometido com a mudança e a transformação necessárias para a superação dos problemas que ele mesmo aponta. Um compromisso que deve ser assumido entre escritor e leitor, a partir do exercício de sua liberdade, no que se refere à produção de significado de sua obra. Um compromisso onde o escritor deve fazer um apelo à liberdade do leitor, uma vez que o homem é originariamente *liberdade* como vimos mais acima acerca da filosofia existencialista, para que este produza significações que coloquem a ele e à sociedade questões em que cada sujeito se defina como projeto de si mesmo e responsável por suas ações e, ao reivindicar o comprometimento do artista, Sartre foi, ele mesmo, um dos melhores exemplos de sua tese sobre a natureza de uma literatura engajada.

O engajamento literário tem uma função:

que é falar ao outro, e de modo a que este produza atos de significação que o levem a conhecer-se e ao seu contexto. Essa função é *social*, mas isso não rebaixa a literatura – ou não deveria rebaixá-la – a simples instrumento ideológico (LEOPOLDO e SILVA, 2006, p. 79 grifo do autor).

A noção de engajamento e *liberdade* foi amplamente discutida no ensaio crítico de Sartre *Que é a literatura?* E é diante de algumas críticas recebidas pelo autor sobre essa forma “engajada” de escrever que Sartre se propõe examinar a literatura a partir das seguintes questões: Que é escrever? Por que se escreve? Para quem se escreve? (que são, respectivamente, os capítulos 1 a 3 da obra). Para poder condenar e criticar é preciso entender o que é a literatura e por isso Sartre propõe tais questões.

Após Sartre defender a resposta “O que é escrever?” ele questiona a segunda pergunta, “Por que escrever?” obviamente que a resposta a essa pergunta está diretamente conectada ao *engajamento*, a responsabilidade, que é comum aos escritores pois a palavra é ação, então já é posicionamento no mundo. O homem ao se posicionar já está buscando uma mudança e uma maneira de existir (MOREIRA, 2012).

E Sartre ilustra com um exemplo claro como o “por que escrever” pode às vezes ter um sentido de engajamento. Em *Que é a literatura?* Sartre toma como modelo de escritor engajado o caso do escritor negro americano Richard Wright que lutou contra o racismo nos Estados Unidos nos anos 20 por meio de suas obras. Um dos seus livros mais renomados foi escrito nos Estados Unidos, *Black Boy*, que é um romance autobiográfico publicado em 1945, sendo considerado como um dos primeiros romances escritos por negros retratando suas condições de vida na época, razão pela qual Richard Wright é considerado como um escritor que abriu o caminho, por assim dizer, para outros escritores negros. “Seria possível supor, ainda que só por um instante, que ele aceitasse passar a vida contemplando a Verdade, a Beleza e o Bem eternos, quando 90% dos negros do Sul [dos Estados Unidos] estão praticamente privados do direito ao voto?” (SARTRE, 2004, p. 62).

Quando um negro, em um determinado contexto, se descobre escritor, ele descobre o seu tema: “ele é o homem que vê os brancos de fora, que assimila a cultura branca pelo lado de fora, e cada livro seu mostrará a alienação da raça negra no seio da sociedade americana” (id., *ibidem*, p. 63). Ele poderia ter se tornado um compositor de *blues*, ou um panfletário, mas escolheu ser escritor. “Assim, na origem está a liberdade: sou escritor em primeiro lugar por meu livre projeto de escrever” (id., *ibidem*, p. 62).

Vemos assim como falar sobre a obra *Que é a Literatura?* é não apenas vislumbrar o engajamento em todo seu teor conceitual mas evocar a condição original de “seres livres” ao qual estamos todos condenados pois, para Sartre, escrever é uma atividade que precisa se dar através da liberdade. *Que é a Literatura?* nos apresenta todo teor disso, que podemos chamar de objeto literário, colocando em presença a relação existente entre o leitor e o escritor, que pode ser entendida como a relação entre a leitura e a escrita e cuja liberdade fundamenta a noção de engajamento.

A última pergunta a que se leva Sartre é: “Para quem se escreve?”: “a base para essa resposta vale para qualquer época na qual se encontrem escritor e leitor, *a historicidade*” (MOREIRA, 2012, p. 20 – grifo nosso). O escritor escreve para seus contemporâneos e ambos estão engajados numa mesma época e elucidam os mesmos fatos, o leitor carrega essa bagagem por viver o mesmo momento da história. O contato histórico do leitor e escritor se dá através do livro e os agentes escritor e leitor são livres e situados.

Mas vejamos agora como as obras literárias de Sartre e Simone aparecem permeadas das reflexões filosóficas e existenciais aqui resumidas, embora sem a densidade característica de uma obra filosófica ou metafísica, sobretudo a partir das obras *A Idade da Razão* (1983) de Sartre e *A Mulher Desiludida* (2010) e *Os Mandarins* (1983) de Simone de Beauvoir.

O Engajamento nas Obras de Sartre e Simone

Um dos personagens do romance *A Idade da Razão* (1983) é Mathieu, um professor de filosofia que encarna a problemática do intelectual ciente dos dilemas sociais, mas que fica no impasse de envolver-se ou não na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), buscando razões para tal. Mathieu não encontrava em si qualquer motivação para engajar-se nesses conflitos, mesmo vendo que outros sujeitos iguais a ele estão sendo mortos em violentos conflitos. Afinal, a Guerra Espanhola era um problema dos espanhóis e por isso não haveria motivo para engajar-se. Mathieu está lendo um artigo de um jornal de notícias quando começa a se questionar sobre tais fatos. E se a guerra fosse na França? E se naquele exato momento bombas estivessem sendo atiradas contra cidadãos franceses? Alguém na Espanha poderia estar lendo uma notícia no jornal de corpos atirados ao chão

ou mutilados vítimas de uma guerra civil sangrenta e quem sabe não seria ele, Mathieu, na foto do jornal? A reflexão de Mathieu vai além de apenas um caso particular de uma guerra civil, onde quer que seja. A questão é filosófica e existencial: é possível ser indiferente frente à história? É possível ser indiferente às guerras?

No romance também aparece a necessidade de “escolha” do intelectual considerando a divisão do mundo pós guerra em dois grandes blocos antagônicos, base da guerra fria. Há um encontro de Mathieu com seu amigo Brunet (intelectual marxista convicto), que tenta integrar – sem sucesso – Mathieu nos quadros do partido comunista.

De modo geral, Mathieu está entrando, ou recusando entrar, na *Idade da Razão*, momento no qual, por volta dos trinta, trinta e cinco anos, abandonamos nossos sonhos, projetos, por uma vida estável, contínua, sem rupturas e incertezas. Assim, *A Idade da Razão* nos conduz a um conjunto de tensas relações entre a vivência concreta do indivíduo e suas aspirações.

O livro *A Mulher Desiludida* (2010) de Simone de Beauvoir reúne três narrativas sobre uma questão central de uma crítica sobre a condição das mulheres e sua posição cultural de subserviência quando eram educadas somente para serem boas esposas, mães e donas de casa, que poderia ser definida como “a condição feminina” numa sociedade ainda dominada pelos homens. Se *O Segundo Sexo* (1967) expõe as teses filosóficas, sociológicas e psíquicas do feminismo beauvoiriano, *A Mulher Desiludida* é uma ficção onde entramos em contato com ideias feministas e existencialistas, através das desigualdades e complexidades da vida, seja a partir de um casal de intelectuais de esquerda (semelhantes à Simone de Beauvoir e Sartre) em conflito com as posições cada vez mais conservadoras do filho Filipe (é válido mencionar nesse aspecto o confronto de gerações que explodiu em maio de 68); seja uma discussão existencial em torno do ódio pelo mundo e por um Deus que talvez não exista, a partir do monólogo de Murielle; seja através de uma dona de casa, Monique, que vive uma situação humilhante ao descobrir que o marido Maurice tem uma amante. Simone também traz a questão da sexualidade que era reprimida antes do casamento, aliás, o sexo não era permitido antes do casamento. Sexo era apenas obrigação conjugal, para satisfazer o marido. Uma sexualidade

a qual só serviria para condicionar as mulheres ao seu papel dentro da sociedade onde tudo girava ao redor do sexo masculino.

Já em *Os Mandarins* (1983) encontramos mais uma vez um grupo de intelectuais, do fim da segunda grande guerra até meados da década de 1950, que discutem qual papel caberá aos intelectuais do cenário político pós guerra. É mais um, por assim dizer, romance existencialista que descreve a atmosfera febril da França entre 1944 e 1948: as repercussões da guerra, a agitação intelectual, a corrupção moral, os dilemas e dúvidas da “esquerda”.

Merece destaque três personagens que protagonizam a história de forma bem sugestiva: Henri Perron, Robert e Anne Dubreuilh. Não seriam os três, respectivamente, Albert Camus, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir? Em caso positivo, diferentemente da vida real, o famoso conflito Camus-Sartre no romance adquire um final feliz com uma bela reconciliação. No decorrer da obra as alusões a Camus e a Sartre parecem bem claras: suas divergências ideológicas, em especial após a publicação do livro *O Homem Revoltado* de Camus, a partir do qual ambos romperam de forma brusca e definitiva até a morte de Camus em um acidente de carro. Além disso, Anne é casada com Robert, de quem foi aluna na universidade, mas, apesar disso, Anne e Robert possuem um pacto de liberdade em uma clara alusão ao “amor livre” de Simone e Sartre na vida real. Não menos sugestivo é a viagem de Anne para os EUA para uma série de conferências onde ela conhece Lewis Brogan. Os dois acabam gostando rapidamente um do outro e começam um envolvimento amoroso muito intenso, que atravessará o oceano por meio de cartas apaixonadas, onde, mais uma vez, parece termos uma relação direta com a vida real da autora e seu “amor transatlântico”: Nelson Algren (BEAUVOIR, 2000).

Vemos assim como, nestes breves relatos de algumas obras literárias escolhidas de Sartre e Simone, ambos encarnam o “protótipo” de um(a) escritor(a) engajado(a). Que faz de seus romances uma retratação da vida ficcional que imita a vida real e onde o ficcional se mistura a reflexão filosófica sobre os dilemas da vida e da existência humana. A literatura descreve as ambiguidades da vida. Mostra a vida em toda sua concretude. A filosofia se acerca deste vivido e a condição metafísica de homens e mulheres

aparece nesse entrelaçamento com a obra literária. Os problemas de uma sociedade, situada no espaço e no tempo, aparecem problematizadas nas obras dos dois autores em uma interconexão com suas ideias filosóficas que vai se mesclando com as dimensões de uma realidade histórica. E tudo isso de forma intencional. Sartre e Simone usam a sua liberdade, de escritores e filósofos, para falar sobre o mundo da vida, engajando sua escrita sempre relacionada com o mundo. O que há de ficcional nas obras dos dois autores não é desligado de seu contexto histórico e de suas concepções filosóficas. Encontramos, por conseguinte, traços da filosofia existencialista em suas obras literárias.

Considerações Finais

Um dos aspectos centrais do existencialismo francês defendidos por Sartre e Simone, é que a realidade humana é *liberdade* e um *projeto* e não pode ser definida como permanência. O homem é um *ser-no-mundo*, surge no mundo, e só se define a partir de sua existência, tal como a si próprio se fizer. Não há uma natureza humana que o defina. O homem, por sua livre escolha, é o que projeta ser.

No caso do escritor engajado, este escolhe como projeto desvendar o mundo e ele o faz para os outros homens, a fim de que estes assumam sua responsabilidade em face de um determinado objeto: “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 2004, p. 21). Além disso, “O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana” (id., ibidem, p. 20-21).

Cada pessoa tem sua razão para escrever e, segundo Sartre “é em nome da própria opção de escrever que se deve exigir o engajamento dos escritores” (id., ibidem, p. 33). Seja para esclarecer, apoiar e despertar a consciência operária, a abolição dos regimes totalitários e da escravidão, colocar em cheque o etnocentrismo e a superioridade de uma raça sobre a outra, várias são as razões que podem levar um escritor engajado a desvendar a realidade uma vez que esta é “desvendante”: o homem é o ser pelo qual as coisas se manifestam e que dá sentido as coisas. O escritor fala sobre o homem, mas não

o homem “abstrato” das especulações metafísicas, e sim o homem de sua época e seus contemporâneos.

E o caso de Simone de Beauvoir não é menos revelador. Simone foi uma escritora e filósofa que, envolta pela filosofia existencialista, engajou-se principalmente pela causa das mulheres, as circunstâncias que qualificavam essa mulher como ser condicionado a escravidão de seu gênero. Uma mulher ousada que tinha pensamentos a frente do seu tempo e que utilizou a literatura como ferramenta principal para se pensar nos estudos de gênero. Como escritora escolheu desvendar o mundo para as outras mulheres, a fim de que estas pudessem ver a condição social em que se encontravam e assumissem sua responsabilidade face a um projeto de libertação feminina da condição de submissão e dominação social.

Referências

BEAUFRET, Jean. **Introdução às filosofias da existência**. São Paulo: Livra Duas Cidades, 1976.

BEAUVOIR, Simone de. **A Mulher Desiludida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. **Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **Pour une morale de l'ambiguïté**. Paris: Gallimard, 1947.

_____. **Os Mandarins**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Vol. II.

BORGES, Joana Vieira. **Para além do “tornar-se”**: ressonâncias das leituras feministas de *O Segundo Sexo* no Brasil. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

BUTLER, Judith. **Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Wittig e Foucault**. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

COHEN-SOLAL, Annie. **Jean-Paul Sartre: Uma Biografia**. Tradução de Milton Person. 2. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

CORREA, Mariza (Org.). Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, 1999. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/en/simone-beauvoir-os-feminismos-seculo-xx-1999-12>>. Acessado em 20/08/2015.

DENIS, Benoît. **Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre**. São Paulo: EDUSC, 2002.

GARCIA, Marco Aurélio. Simone de Beauvoir e a política. **Cadernos Pagu**, (12), 1999, pp. 79-91. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51294>. Acessado em 30/07/2015.

GIORDANI, Mário Curtis. **Iniciação ao existencialismo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Bauru: EDUSC, 2001.

LEOPOLDO e SILVA, F. Literatura e Experiência Histórica em Sartre: o engajamento. Curitiba, São Carlos, **dois pontos**, vol. 3, n. 2, p.69-81, outubro, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v3i2.6514>>. Acessado em 14/07/2015.
MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, (11), 1998, pp. 107-125. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51204>. Acessado em 10/07/2015.

MOREIRA, Mayara Franca. **Em torno da literatura engajada: Sartre e o debate estético**. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Filosofia). Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances).

_____. **A Idade da Razão**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

_____. **As Palavras**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. Tradução: J. Guinsburg, 20005.

_____. **Que é literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução Rita Correia Guedes. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

_____. **O Muro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

_____. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 13. ed. revista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu**, (12), 1999, pp. 157-163. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51300>>. Acessado em 20/07/2015.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1), jan/abr-2008, pp. 173-186. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100018>>. Acessado em 20/07/2015.

SOUZA, Thana M. **Sartre e a Literatura Engajada: Espelho Crítico e Consciência infeliz**. São Paulo: Edusp, 2008.

TEODOSEO, Danilo Linard. **Engajamento literário e sentidos históricos na literatura existencialista de Jean-Paul Sartre 1938-1960**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande-PB, 2011.